



4ª EDIÇÃO

Sis  **Cultura**



UFAM

REALIZAÇÃO

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA

LOCAL

Av. Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 3.000/Campus Universitário – Setor Norte

IFCHS CEP 69077-000

Manaus – Amazonas – Brasil

APOIO



PATROCÍNIO



Reitor*Sylvio Mário Puga Ferreira***Vice-reitor***Jacob Moysés Cohen***Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-graduação***Selma Suely Baçal de Oliveira***Conselho Editorial da EDUA***Henrique dos Santos Pereira – Presidente Antonio**Carlos Witkoski**Domingos Sávio Nunes de Lima**Edileno Silva de Moura**Elizabeth Ferreira Cartaxo**Spartaco Astolfi Filho**Valeria Augusta Cerqueira Medeiros Weigel***Coordenação do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia***Coordenadora: Iraildes Caldas Torres**Vice-Coordenadora: Artemis de Araújo Soares**Membros: Nelson Matos de Noronha**Gláucio Campos Gomes de Matos***Coordenação do 4º SisCultura****Coordenadora Geral***Iraildes Caldas Torres***Equipe de Coordenação***Adson Manoel Bulhões da Silva**Alessandra do Amaral Sales**Aline dos Santos Pedraça**Alfredo Wagner Berno de Almeida**Ana Paula Dias Corrêa**Artemis de Araújo Soares**Diogo Gonzaga Torres Neto**Raphael Henrique Cortezão**Marcos Antônio Braga de Freitas**Maria Luiza Cardinale Baptista**Maria Sandrelle Gonçalves de Oliveira**Marilene Corrêa da Silva Freitas**Naia Maria Guerreiro Dias**Neida C. Albornoz Arias**Rooney Augusto Vasconcelos Barros**Rosa Ester Rossini**Rina Mazuera Arias**Simone Costa de Lima**Yomarley Lopes Holanda***Comissão Científica***Profa. Dra. Iraildes Caldas Torres (UFAM)**Profa. Dra. Rosa Ester Rossini (USP)**Neida Coromoto Albornoz Arias*

Rina Mazuera Arias
Maria Luíza Cardinale Baptista
Alfredo Wagner Berno de Almeida

Secretaria

Alessandra do Amaral Sales
Ana Paula Dias Corrêa

Comissão de Editoração, Correção e Diagramação

Alessandra do Amaral Sales
Ana Paula Dias Corrêa
Andrea Costa de Andrade
Iraildes Caldas Torres
Joaquim Onésimo Ferreira Barbosa
Vânia Cantuário de Andrade

Comissão de Infraestrutura

Adson Manoel Bulhões da Silva
Rooney Augusto Vasconcelos Barros

Comissão de Monitoria

Simone Costa de Lima
Robson França F. Rodrigues
Ana Paula Dias Corrêa
Rayane de Oliveira Viana
Maria Sandrelle Gonçalves Marques
Adson Manoel Bulhões da Silva
Francianny Maia da Silva
Elisiane Andrade de Sousa
Alessandra do Amaral Sales

Comissão de Cerimonial

Elisiane Andrade de Sousa
Maria Sandrelle Gonçalves de Oliveira
Raphael Henrique Cortezão

Comissão de Gerenciamento de Mídias

Ana Paula Dias Corrêa
Leandro Viana Santos
Raissa Cristina Dantas de Arruda

Comissão de Pareceristas

Alexandre Santos de Oliveira
Artemis de Araújo Soares
Gláucio Campos Gomes de Matos
Iraildes Caldas Torres
Marilene Corrêa da Silva Freitas
Odenei Ribeiro de Sousa
Renilda Aparecida Costa
Yomarley Lopes Holanda

Comissão de Interpretação e Tradução

Amanda Souza da Silva
Erich Teles Bezerra

FICHA CATALOGRÁFICA

Anais publicado em 2020

Anais do 4º SisCultura – Seminário Internacional Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia, Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 4, n. 4, nov. 2020 – Manaus: Edua/Capes/Fapeam, 2020 - v. IV;

CD-ROOM.; il.; 4 ¾ pol.

Bianual

Publicação vinculada ao PPG Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia

ISSN: 2359-5353

CDU360

1. Seminário; 2. Cultura Panamazônica; 3. Amazônia – Sociologia; 4. Amazônia – Antropologia; 5. Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia

Editora da Universidade Federal do Amazonas

Av. Gal Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3.000,

Campus Universitário – Setor Norte. Coroado I. CEP 69077-000 Manaus/AM Telefax:
+55 92 3305-4291

www.ufam.edu.br

E-mail: edua_ufam@yahoo.com.br

Universidade Federal do Amazonas Instituto de
Filosofia, Ciências Humanas e Sociais

Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia

Av. Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 3.000/Campus Universitário

– IFCHS CEP 69077-000 Manaus – Amazonas – Brasil

Fone/Fax: +55 92 3205-4580/3305-458

www.ufam.edu.br www.ppgsca.ufam.edu.br E-

mail: secppgsca@ufam.edu.br

Paisagem sociocultural dos quintais agroflorestais na região periurbana de Manaus-AM

Maria Isabel de Araújo¹²¹

Evandro de Moraes Ramos¹²²

Silas Garcia Aquino de Sousa¹²³

Introdução

A paisagem rural no espaço amazônico abriga uma das maiores biodiversidades do planeta, a diversidade de cores, estilos, formas e conteúdos, combinadas nos espaços produtivos e habitação, valores estéticos, ecológicos, históricos e culturais, materializado na especificidade que se estabelecem no tempo e espaço no complexo floresta-rio-várzea-terra-firme, através das relações que dão lugar a configurações entre os seres humanos e suas interdependências funcionais naturais e antrópicas.

Assim, a paisagem rural amazônica exprime a ocupação do território (posse) e produção com significação espacial, organizado dinamicamente nas atividades agrícolas, pesca, pecuária, comercial, extrativista, tradicional... relevando no modo de vida a dimensão espacial, temporal e evolutiva da paisagem, que se fundamentam a partir da relação rio-floresta-urbano, cuja formação da configuração social a sociogênese, que, em constante processo de transformação resulta da interdependência de outras relações humanas, compostas historicamente nos coletivos configurados a partir de uma forte dependência da e na relação homem-natureza (ELIAS, 2008, p. 118-119), visivelmente expressas na paisagem sociocultural dos quintais agroflorestais na região periurbana de Manaus-Am.

Ao que se referem os conceitos-chave de paisagem, reportamo-nos a Milton Santos (1997), ao afirmar que a paisagem pode ser considerada como (...) tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 1997, p. 61). Resulta disso que "a paisagem é um conjunto de forma que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza" (SANTOS, 2002, p. 103).

¹²¹ UNIFAVENI. MSc em Sociedade e Cultura na Amazônia. miar@terra.com.br

¹²² PPGSCA/UFAM. Dr. em Tecnologias Educativas. evandomramos@hotmail.com

¹²³ Embrapa Amazônia Ocidental. Dr. em Conservação da Natureza. silas.garcia@embrapa.br

Neste contexto, a paisagem amazônica, combina e preserva elementos em seus aspectos naturais, articuladas na dinâmica socioeconômica de caráter produtivo agroextrativista no espaço de produção rural, amplo e dinâmico, a partir das inter-relações entre o homem e a natureza. Partindo dessa definição, segundo Passos (2001, p. 10), o espaço rural é

uma criação humana permanente, é dependente das populações camponesas que nele vivem e cultivam, e também de uma parte da burguesia urbana que detém seu domínio imobiliário e político, mas ele não pode existir fora das condições naturais, por também ser uma realidade ecológica (PASSOS, 2001, p. 10).

Na concepção de Tuan (1983 p. 07), os saberes e fazeres humanos atribuem significados e organizam as paisagens e os símbolos presentes fazem a mediação entre o mundo interior e o mundo exterior. Desse modo, a paisagem ao longo do tempo, nos espaços produtivos e de habitação dos agricultores familiares da Região Metropolitana de Manaus – RMM representam a forma como vivem, a relação estabelecida que existe entre elas e a diversidade da natureza nos agroecossistema amazônico em seus diferentes contextos (áreas de várzea, terra firme, em flutuantes sobre as águas), cujos elementos naturais, econômicos e ambientais elevam a qualidade da paisagem sob o viés econômico, limitados aos aspectos visíveis da realidade, carregada de símbolos de pertencimento do lugar.

Seguindo este pensamento, para Elias (1990) os indivíduos estão ligados uns aos outros por sua “natureza humana”, onde as sociedades se estruturam em suas origens, e definem o indivíduo como um ser autônomo, cuja estrutura é independente, isolada dos objetos e do contexto do qual faz parte. Assim, a rede de interdependências que cada indivíduo possui em relação ao ambiente se estabelece também em relações as funções do espaço/território. Em suma, a ação humana é deduzida de ações entre os grupos homogêneos, extra individuais (estabelecidos e outsiders), dotados de realidade e autonomia próprias, tais como os grandes demiurgos conceituais dos agrupamentos constituintes (estado, grupos religiosos, estrutura econômica, religião, etc.). Nas áreas de várzea, o rio comanda a paisagem (Figura 1), para Loureiro (1995):

Os rios na Amazônia consistem em uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humana excepcional. [...] conferindo um *ethos* e um ritmo à vida regional. Dele dependem a vida e a morte, a fertilidade e a carência...a circulação humana e de bens simbólicos O rio está em tudo (LOUREIRO, 1995 p.121).



Figura 1 - Paisagens nas áreas de várzea.

Assim, os rios são referenciais de múltiplas vivências e experiências, o diferencial nas relações cotidianas das populações, o saber, a memória, as experiências, são informações transmitidas de geração a geração, mas também atualizadas no fazer cotidiano, tendo em vista que a cultura, segundo Sahlins (2003, p. 69) é repensada criativamente pelos homens já que as circunstancias contingentes da ação não se conformam necessariamente aos significados que lhes são atribuídos por grupos específicos. É nesses termos que a cultura é alterada historicamente na ação, construído *a priori* e segundo conceitos sociais fixos e normativos.

Nas áreas de terra firme (Figura 2), as florestas apresentam grande heterogeneidade, exploradas para projetos agrícolas, pecuários, etc. extração de madeira das áreas de colonização e de projetos agrícolas, com abertura de viciniais que facilitam a colonização as áreas remotas e consequentemente a deterioração da cobertura florestal.



Figura 2 - Paisagens nas áreas de terra firme.

Suscitam a discussão, as ações antrópicas dos impactos negativos da exploração e extração de madeiras para construções residenciais e venda irregular, do corte e queima da capoeira para cultivos agrícolas, à criação de espécies animais (avicultura, pecuária, piscicultura, suinocultura... dado que a maioria das espécies arbóreas contribui para o declínio na biodiversidade local.

Por outro lado, contrapondo as várzea e terra firme, o rio que comanda a vida ribeirinha, evidencia uma paisagem antagônica. Diante da sazonalidade das enchentes, cheias, vazante e seca dos rios, revelam paisagens vernáculas (Figura 3), cujo labirinto de ruas (pontes) sobre o rio, semelhante aos espaços físicos nas áreas urbanas, com suas áreas de lazer, econômica, social, ambiental... revelam a casa-flutuante ou casa-barco, ou simplesmente denominada flutuante.



Figura 3 - Paisagens vernáculas

Mas, para além da visível paisagem, estão as invisíveis, que compõem o espaço físico do lugar, ao redor das habitações, cujas tradições nos cultivos, preservadas na memória (edáficas) mantêm a sustentabilidade (Figura 4) econômica, social e ambiental do lugar.





Figura 4 - Paisagens invisíveis

Material e métodos

Para a tessitura do presente artigo, com abordagem interdisciplinar, enfatiza-se a vivência, a cotidianidade bem como a experiência, na compreensão da paisagem como resultados da ação humana nas práticas sociais, econômicas e ambientais entre outros aspectos inseparáveis um do outro da vida social dos agricultores familiares da Pan-Amazônia.

No 1º semestre de 2019, em visitas *in loco* na Região Metropolitana de Manaus – RMM foi realizado um estudo de campo (*in loco*) para a consecução da pesquisa, como parte da dissertação do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, objetivando analisar a interação (rio-floresta-urbano) entre os componentes (GIL, 2009) homem-natureza, constitutivos da paisagem.

Não se limita o presente texto a tão somente uma abordagem teórica da pesquisa bibliográfica, entretanto, em decorrência do contexto e o avanço da pesquisa-ação participante e de sua posição epistêmica, de modo a evidenciar distinções entre algumas de suas vertentes, a observação participante e a perspectiva etnográfica, por meio das observações nas visitas de campo *in loco*, com o intuito de acompanhar e identificar as modificações ocorridas na paisagem através da interação antrópica, correlacionando às formas de cultivo no sistema de plantio nas áreas de várzea e terra firme, bem como, os cultivos dos habitantes das águas que utilizam as várzeas e terras firmes para plantio.

As ações da pesquisa-ação participativa etnográfica consistem em um procedimento investigativo que busca aplicar significado ao objeto de estudo. Na definição de Thiollent (2003, p. 14), a pesquisa-ação, é um tipo de pesquisa social com base empírica que

é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Foram realizadas visitas nas áreas das coordenadas geográficas: 03°01'33"S 59°53'37"W (Akira); 02°24'49,8"S 60°05'02,95"W (CVA); 03°24'92,18"S 59°16'17,55"W (Novo Céu); 02°47'43,7"S 60°02'18,3"W (Pau-Rosa); 02°56'37,4"S 59°51'52,98"W (Uberé), 03°13'48,1"S W 59°56'57,8"W, e 03°10'47'S 59°52'20"W, 03°11'25'S 59°52'14"W, 03°10'26"S 60°01'04"W, 03°09'07"S 59°55'03"W (Flutuantes) Região Metropolitana de Manaus – RMM.

A amostragem consistiu no registro fotográfico de um conjunto de fotos das áreas visitadas, como premissa, para tanto, consideramos a presença histórica dos habitantes e a rotatividade das áreas cultivadas, sendo desenvolvida de acordo com a Resolução 196/96 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que regulamenta a pesquisa com seres humanos. Aos participantes foi assegurado o anonimato e o direito de retirar o consentimento no momento que desejarem. Os dados foram coletados após emissão do parecer da comissão de ética da Universidade Federal do Amazonas sob o protocolo de número CAAE 97442218.0.0000.5020, em 15 set. 2018.

Resultados e discussões

Quando olhamos uma imagem, percebemos que ela expressa algo sobre o lugar, espaço, território, o mundo qual está inserido o meio ambiente o homem, mas também, o que elas escondem e o que está por trás delas. Viver, residir, explorar, no espaço amazônico, revelam paisagens inimagináveis, disponibilizadas no espaço das atividades agrícolas, pecuárias, extrativistas... agregando visibilidade a riqueza que é a agricultura familiar na hinterlândia amazônica.

Ao longo do tempo a paisagem rural da hinterlândia amazônica, vem passando por várias transformações, modificações essas, que vão dando uma nova configuração à paisagem construída, tornando-a, única e singular. Milton Santos (1997, p. 66) relata que

uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de diferentes momentos (...)" e que, desta forma, pode ser considerada como uma categoria que está em constante construção.

Assim, para aumentar a produção na atividade agrícola, o homem amazônico vem desenvolvendo ao longo do tempo, mediante o desenvolvimento tecnológico a utilização de máquinas e implementos modernos, entretanto as singularidades ancestrais, presente nos meios de produção econômica, revelam a significância do *modus operandi* tradicionais, em diferentes

períodos históricos, atestando a ocupação humana, com equilíbrio ecológico nas práticas agrícolas e também na valorização da paisagem, obtendo do uso racional do espaço agroalimentar um ótimo aproveitamento econômico.

O *modus operandi* de cultivo na paisagem, sejam em áreas de várzea ou terra firme, expressam a dicotomia do espaço, lugar (habitat) e do homem amazônico. A paisagem expressa no modo de produção em área de várzea, revelando plantios em leiras e jiraus, esse modo de cultivo da produção varia de acordo com a sazonalidade do rio.

Desse modo, ao se analisar as configurações do espaço produtivo das áreas agrícolas (áreas de várzea e terra firme) na paisagem amazônica, percebemos as especificidades das condições de vida, constituídas nas formas de produção das leiras ao longo dos rios (área de várzea) e dos barrancos (área de terra firme) revelando uma relação, como um habitat próprio, mobilizados pela convivência com o rio, cujas delimitações espaciais e temporais (enchente, cheia, seca, vazante) asseguram a produção para o sustento familiar. Os rios de águas barrentas, no caso aqui presente, o Rio Amazonas, arrasta grandes quantidades de substâncias (Figura 5) em suspensão são detritos minerais e orgânicos. No período das enchentes, essas substâncias se depositam sobre as margens inundadas, é a regeneração natural e gratuita de fertilidade no solo nas terras de várzeas todos os anos, o que permite a contínua exploração econômica, com a produção intensiva de alimentos.



Figura 5 - Rio Amazonas (águas barrentas).

– Na várzea (Figura 6), os agricultores são *experts* na produção e gestão de alternativas ambientais e sociais, dotados de saberes, assimilados na (com)vivência ancestral dos familiares na lida nos roçados, a gerir o espaço agroalimentar, elaborando junto com a natureza um

calendário agrícola, de acordo com o período hidrológico (enchente, cheia, vazante e seca) do rio nos espaço de cultivo, produção, habitat, cujos efeitos deletérios provocam uma interdependências do e no equilíbrio do ecossistema amazônico, constituído de saberes ancestrais, de fundamental importância a garantir a exploração do ambiente, de forma socialmente justa e economicamente viável.

Sucessivamente a terra inundada, impõe limites para geri-los, porém elaboram meios de adaptação junto a natureza das atividades econômicas (agropecuário, comércio da produção, pesca), em relação ao habitat e a produção: a) o período certo para plantio das culturas anuais e semiperenes; b) a prática do ajuri (trabalho coletivo e solidário); c) a distância do roçado entre a casa; d) o local de produção e a distância a ser percorrida para entrega da mesma; e) o espaço (tamanho) da produção e f) o plantio das espécies de maior valor econômico e para o consumo familiar.

Dentre esses resultados, ressalta-se que no ambiente *in loco* dessa paisagem, os agricultores, reafirmam a identidade familiar, pressupõe-se da memória do ambiente edáfico, uma (re)leitura do passado compartilhada pelas famílias de geração a geração. Implica, assim, nas tradições seculares que cumprem dois importantes papéis no *locus* ambiental – a ocupação, expansão e valorização da área rural pretérita; com oferta de alimentos saudáveis e próximo do consumidor, no mercado de curta distância com venda direta nas feiras e mercados da RMM.



Figura 6 - Produção em área de várzea.

– Na terra firme, os rios de água preta (Figura 7) como o rio Negro, não formam várzeas, por estarem situadas em uma parte mais elevada do relevo amazônico, os solos são ácidos, com baixa fertilidade, pobres em nutrientes, a manutenção da floresta fechada com espécies arbóreas

de grande porte, com a liteira (biomassa vegetal) no solo, como garantia pela ciclagem de nutrientes, além da baixa capacidade de disponibilizar água para as plantas (FERREIRA et al., 2001).



Figura 7 - Terra firme

Entretanto, destacam-se na terra firme, os quintais agroflorestais (Figura 8), uma paisagem sociocultural, construída com a experiência, o saber e a cultura do indivíduo, que por opção decidiu habitar no lugar, com a paisagem que expressa toda sua cultura no ambiente temporal, como processo figuracional da dinâmica social de (con)viver na Pan-Amazônia.



Figura 8 - Quintais agroflorestais.

As atividades econômicas dos quintais agroflorestais, são consolidadas em torno da produção agropecuária, da produção avícola, do extrativismo, da piscicultura... com a oferta de

alimentos saudáveis, no mercado de curta distância entre agricultores e consumidores nas feiras e mercados da RMM. Os produtos agropecuários explorados são: a) aquicultura, com grande relevância econômica na criação de curimatã, matrinxã, pirapitinga, pirarucu, tambacu e tambaqui; b) avicultura de postura e corte (sistema de produção extensivo, semi-intensivo e intensivo); c) culturas alimentares (feijão, mandioca, milho), olericultura (abóbora, alface, ariá batata doce, cara, cebolinha, coentro, couve, cúbio, maxixe, melancia, pepino, pimenta cheirosa, pimenta, pimentão, quiabo, repolho, tomate, chicória); d) culturas industriais (açai, café, cana-de-açúcar, guaraná, malva, pimenta-do-reino, urucu); e) extrativismo (castanha-do-brasil); f) fruticultura (abacate, abacaxi, abiu, banana, cupuaçu, laranja, limão; manga, mamão, pupunha, tucumã); g) pecuária (bovinocultura de corte e mista, bubalinocultura).

A substituição de floresta por pastagens (Figura 9) dentre outras atividades agrícolas leva à diminuição da cobertura vegetal, dos engenheiros biológicos, dispersores/polinizadores do ecossistema (minhocas, formigas e cupins), de sementes, matéria orgânica, essenciais na biodiversidade da paisagem agrícola.



Figura 9 - Produção em área de terra firme.

– O modo de vida dos habitantes nos flutuantes dos rios (Figura 10) expressa uma tipicidade local, a vida emerge nas águas e nestas mesmas águas a vida econômica integra uma disponibilidade que, independente das áreas terrenas, a economia local converge na disponibilidade de produtos e insumos aos moradores dos flutuantes.



Figura 10 - Casas flutuantes.

Assim, a paisagem as margens das vias fluviais, integrada na configuração regional o habitat homem-rio-floresta, resultando numa formação socioespacial específica, no espaço-temporal, que implicam diferentes modos de produzir e modos de vida. Esse processo de transformação fragmentou a paisagem regional, diferenciando as espacialidades, temporalidades, particularidades e singularidades do espaço da hinterlândia amazônica, pois em cada lugar, em cada espaço, distintos e diferentes modos de vida (re)cortam a paisagem.

As atividades econômicas dos habitantes do flutuante consistem em média 70% da comercialização da produção agrícola dos produtores das várzeas, bem como, da comercialização de produtos não perecíveis, como bem define o Sr. Xico Bezerra (2019):

- Aqui tem tudo, do alfinete ao foguete, tem arroz, feijão, sal, farinha, leite, queijo, gás, combustol, tem tudo mermo... tem extrato da Avon, Natura, tem tudo um pouco, tem peixe... quando não tem, a gente vai em Manaus e compra, alguém tem que atender aos cumpadres que trabalham na lida..., eles têm que pagar a passagem, vão perder um dia no roçado, assim eu facilito a vida deles e ainda vendo a produção deles na Panair... Assim nós vevi... (Entrevista, 2019).

Partindo desse diálogo, sobre o caráter conservacionista relacionado ao comportamento humano das práticas tradicionais de comercialização, a aproximação entre memória e identidade presente no espaço da paisagem hidrográfica, nos reportamos a Michael Pollack (1992),

(...) é o sentido da imagem de si, para si e para o outro, é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria para acreditar na sua própria

apresentação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLACK, 1992, p. 204).

Observamos que a partir dessa formulação de Pollack (1992), as transformações experimentadas pela memória coletiva dos indivíduos, formadas no aprendizado, técnicas de conhecimento, solidariedade e saberes práticos, repassados nos modos, nas relações, na comunicabilidade, nos recursos econômicos, signos e imagens criados coletivamente, são processados na produção e apropriação da cultura local, expressos nas formas de produção e habitat na paisagem.

O espaço, dentro da visão de paisagem integrada ao modo de vida rural, em sendo uma permanente criação humana, é dependente das populações que nele cultivam e vivem, qual detém domínio das condições naturais, social e econômica. É nesse contexto que se destaca a paisagem nas práticas agrícolas, entendida aqui como um modo de produção que promove a construção dessa paisagem de forma socialmente justa e em equilíbrio com a natureza na Pan-Amazônia.

Fica claro na pesquisa efetuadas que, de modo geral, a partir de um enfoque social, ambiental, econômico e cultural, os habitantes da hinterlândia amazônica, praticam suas atividades agropecuárias de uma forma a não agredir o ambiente natural (sem a utilização de agroquímicos), plantando produtos para o sustento alimentar da família e dos consumidores.

Considerações finais

Observa-se que as relações históricos-sociais em um tempo pretérito, estão intimamente interligadas com as atuais paisagens da região. São experiências que traduzem a construção e manutenção dos aspectos culturais, desenhados na identidade da paisagem.

A maioria desses aspectos paisagísticos não são lidos nas fontes escritas e oficiais da história, muito embora o conhecimento da produção, a exposição, distancia no solo da espécies, todas essas conjecturas são ações da memória, dos agricultores familiares, visto que a memória diz respeito a um lugar que, quando evocada é porque houve uma prática, um costume que foi estabelecido na identidade do lugar.

A complexidade que representa a paisagem dos sistemas produtivos agrícolas e pecuários, expressam a dinâmica do viés econômico muito além das formas, econômicas, sociais e ambientais.

Assim, o meio ambiente natural encontra seu *locus* através do entrelaçamento das teias de interdependência com a sociedade. A paisagem do espaço de produção, do habitat, significa/representa o lugar de encontro do processo civilizador entre a natureza e os seres humanos, representados no valor histórico, social, econômico, cultural e ambiental que as atividades humanas mantem, reduzem e elevam na qualidade da paisagem na hinterlândia amazônica.

Assim a transformação nos espaços agrícolas, revelam a interação do homem com a natureza e seus pares, são experiências que acumulam na memória, a partir das múltiplas (com)vivências na composição do espaço agroalimentar e do habitat, evidenciadas na construção da paisagem de um saber prático ao longo do tempo na hinterlândia amazônica, compondo a existência, trajetórias e experiências individuais e coletivas dos sujeitos no processo histórico civilizador da cartografia social na Pan-Amazônia.

Referências

ARAÚJO, M.I. Maria Isabel de Araújo & Xico Bezerra. entrevista/depoimento [09.02.2019]. Entrevistadores: ARAÚJO, M. I. de; SOUSA, S. G. A de. Manaus: EMBRAPA/UFAM-AM, 2019. 3 Questionário de Avaliação Social, Econômico Agroambiental. Entrevista concedida a Dissertação: **Ajuri: o saber tradicional dos agricultores familiares no contexto amazônico**. UFAM-AM. 2019.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: vol. 1 – Uma História dos Costumes, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1990.

_____, Norbert. **O Processo Civilizador**: vol. 2 – Formação do Estado e Civilização, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1993.

_____, Norbert. **Introdução à sociologia**. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.

Ferreira, S.J.F.; Crestana, S.; Luizão, F.J.; Miranda, S.A.F. Nutrientes no solo em floresta de terra firme cortada seletivamente na Amazônia Central. **Acta Amazonica**, 2001. 31(3): 381-396.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2018.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

PASSOS, Messias M. **Perspectivas de eco-história aplicada ao estudo da paisagem**. Santa Rosa: Universidade Nacional de La Pampa, 2001.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5ª ed. São Paulo: HUCITEC. 1997.

_____, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Edusp. 2002.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12.ed. São Paulo: Cortez. 2003.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida - uma interpretação da Amazônia**. 9ª Ed. - Manaus: Edições Valer/ Edições Governo do Estado, 2000.